



VOZ de ANTAS



Director e Editor
M. BRITO FERREIRA

Administ.
A. FARIA

Propriedade da Fábrica
da Igreja Paroquial de
S. PAIO DE ANTAS

Redacção
CENTRO PAROQUIAL
Telef. 87250/130/177

Compos. e Impressão
PAX — BRAGA

BOLETIM PAROQUIAL — ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO DO PROGRESSO DA NOSSA TERRA

BODAS DE PRATA SACERDOTAIS

do P.^e Dr. Adélio
Torres Neiva

A actividade intelectual teve sempre um
lugar preponderante na sua vida... →



Celebrou 25 anos de sacerdócio o Rev. P. Dr. Adélio Torres Neiva. A seu lado como concelebrantes além do Pároco, os conterrâneos P. Manuel Augusto, P. Domingos Neiva, P. Ernesto Neiva e P. António Sá.

Era o dia 8 de Março do ano em curso. A nossa Igreja Paroquial estava cheia. O grupo coral eximio como é seu hábito. A homilia, em palavras simples, mas vibrantes e sentidas o P. Adélio teceu algumas considerações sobre o sacerdócio, a vida religiosa e missionária, condimentadas com alguns episódios interessantes e curiosos, ocorridos nas suas idas a diversos países de missão.

Tinha chegado de Angola há uma semana. Tinha tido oportunidade de visitar os seus confrades e pôde comparar o que por lá se passa agora, com o que se passava antes da independência de Angola, pois já anteriormente a tinha visitado.

Nas suas palavras sente-se o mesmo entusiasmo e ardor missionário que sempre lhe conhecemos!

Nascido a 1 de Janeiro de 1932 na nossa terra, bem cedo despertou nele o desejo de se consagrar a Deus. Desde criança pensou em voos mais altos! Por isso a 1 de Setembro de 1943 ei-lo de trouxa às

(Continua na pág. 5)

I Curso de Iniciação ao Jornalismo

M. N. VIANA

Temos vindo, em números anteriores, a fazer referência ao I Curso de Iniciação ao Jornalismo, louvável iniciativa do Gabinete de Imprensa de Guimarães.

Famos a referir as lições orientadas pelos jornalistas que colaboraram nesta iniciativa: falamos de Jorge Ferreira, de «O Primeiro de Janeiro», e do jornalismo desportivo. Seguiram-se: Abel Carlos de Melo e Costa, delegado de «O Comércio do Porto», que focou o problema dos meios de comunicação social; o semanário «Estrela da Manhã» fez-se representar por José Casimiro da Silva, que explicou como se faz um jornal; no Sábado seguinte, Silva Araújo, director do «Diário do Minho», encerrou o curso em Esposende, fazendo a comparação entre a grande imprensa e a imprensa regional, defeitos e virtudes de uma e outra.

No dia 7 de Março, em Guimarães, teve lugar a entrega dos diplomas de participação e a distribuição do número único do «Jornal do Curso», elaborado quase inteiramente com trabalhos vários de alguns dos 400 alunos inscritos. Estão, entretanto, a ser estudadas as viabilidades de um curso complementar a este, em Outubro próximo, e da continuação regular do jornal.

O que foi I Curso de Iniciação ao Jornalismo

Estruturado em sete lições escritas e faladas por outros tantos jornalistas profissionais, registou elevada frequência (400 alunos) de jovens de Idades compreendidas entre os 15 e os 25 anos, para além de muita assistência.

(Continua na 5.ª pág.)

Censos da população e habitação-81

Com início em 14 de Março próximo, o Instituto Nacional de Estatística vai realizar, em todo o país, o XII Recenseamento da População e o II Censo da Habitação.

Têm vindo os órgãos de Comunicação Social a fazer intensa referência ao assunto na tentativa de alertarem as pessoas para uma colaboração indispensável com a entidade organizadora. Este é o motivo fundamental por que hoje nos referimos ao assunto.

O que é um censo?

Censo, ou recenseamento, é uma «operação estatística destinada a recolher dados sobre todas as unidades incluídas no seu objectivo» no caso concreto as pessoas e habitações deste país.

É exclusivamente por este meio que o país sabe, ao certo, quantos somos e como somos após a publicação dos resultados, sem qualquer referência individual às pessoas que os forneceram.

Perspectiva histórica dos Censos da população e habitação

Os recenseamentos da população não datam da época da electrónica e do computador. Em tempos mais remotos já outras civilizações, como a chinesa e a romana (censos do tempo de Cristo, ordenados por César) haviam feito contagens populacio-

(Continua na 4.ª pág.)

O Regimento da Assembleia de Freguesia em questão - desactualizada a biblioteca do porta-voz do PSD local?!

«Gostaria que a luta de pessoas fosse substituída pela luta de ideias»

MARIO SOARES

1. Há quem diga que o estudo, aliás muito sintético, sobre o Regimento da A. F. e sobre o que se passou na reunião de 27 de Novembro de 1980 da A. F., está imbuído de sectarismo, é ofensivo, origem de polémica e tem objectivos demasiado pessoalizados.

Talvez haja quem pense assim! Mas, então, esses é que estão repletos de divisionismo e gostariam que este debate se prolongasse no tempo. Da nossa parte, e certamente da do Prof. Albino Sá também, ao responder, a intenção foi suscitar o debate de ideias, a forma mais democrática de oposição, e tentar resolver um problema em que os interessados são bastantes. Não há confrontos pessoais ou inimizades. Divergências sim, como é natural num regime democrático; adversários sim, não inimigos, como é habitual na luta política. Diferentes perspectivas quanto a questões

pontuais e concretas, fruto de vários condicionalismos.

Para os que afirmam pertencerem-nos tais objectivos maquiavélicos, deixamos-lhes a opinião de Thomas Jefferson: «É um defeito muito comum entre os homens transferir para uma pessoa o ódio que dedicamos às suas opiniões políticas».

2. Em questões doutrinárias como estas, sempre surgiram divergências. Mesmo em assuntos que têm consagração legal surgem diversas interpretações, contraditórias na sua totalidade ou com pontos de contacto, conforme a teoria jurídica que se professa.

Parece que afinal há pontos de acordo entre aquilo que se afirma no n.º 79 da «Voz de Antas» e a resposta do Sr.

(Continua na 3.ª página)

Manuel de Boaventura

Exposição Bio-Bibliográfica na Câmara Municipal de Esposende

Com início em 15 de Fevereiro e prolongando-se até 27 do mesmo mês, esteve patente ao público uma exposição bio-bibliográfica sobre Manuel de Boaventura na

sala de exposições dos Paços do Concelho, numa iniciativa dos serviços culturais da Câmara Municipal de Esposende.

Os objectos expostos, «gentilmente cedidos pela família do escritor», incluíam retratos fotografias, cartas de escritores célebres (Ferreira de Castro, Correia de Oliveira, Afonso Lopes Vieira, Pedro Homem de Melo, Vitorino Nemésio e Joaquim Paço d'Arcos, entre outros), desenhos da autoria do próprio contista, manuscritos, alguns inéditos, e objectos de uso pessoal.

A iniciativa, que visa homenagear o

(Continua na 7.ª pág.)

(Continua na 3.ª página)

Inauguração dos "novos" Paços do Concelho

Concluídas as obras de remodelação do edifício dos Paços do Concelho de Esposende, teve lugar, a 15 de Fevereiro p.p., a respectiva inauguração, sob a presidência do ministro da Administração Interna.

É um belo edifício do séc. XVIII (all a dois passos do hotel) adaptado aos tempos hodiernos. Entrou em obras de restauro

A morte, a interrogação suprema

Até ONTEM conviveram alegremente com todos nós e gozavam da mesma vida e dos mesmos bens, e HOJE deixaram tudo para sempre,

sendo acompanhados por suas boas obras. Concluíram a sua carreira terrena e chegaram, finalmente, à casa do Pai do Céu, que é o destino final de todos nós:

Abade Joaquim Gonçalves Gomes Beirão



Homem de oração. Fez dela o estandarte da sua vitória

Faleceu no passado dia 7 de Março em Fragoso, na sua residência particular, o Senhor Abade Beirão.

A estatura humana e moral deste sacer-

dote fez dele um exemplo de doação a Cristo através do próximo.

Fé e Caridade fundadas numa esperança serena e inabalável não permitiram cedê-lo perante o dever.

Homem de oração fez dela a estandarte da sua vitória. Homem de acção orientou o seu agir numa coerência íntima com os ditames da sua consciência.

Vivendo por uma ideal foi com os olhos postos nele que exalou o seu último suspiro.

Nasceu em Fragoso. Barcelos em 14-4-1892. Ordenado presbítero na Sé do Porto em 18-10-1914 por D. António Barroso cantou a 1.ª Missa em 8-11-1914. Foi prefeito e ecónomo do Seminário Menor até 1918, pároco de S. Bartolomeu do Mar até 4-8-1924, Abade colado ne Fragoso, até 29-9-1963 e capelão na Senhora da Agonia em Viana do Costelo até 31-12-1976. Foi também presidente da Junta de Freguesia de Fragoso nos anos de 1942 a 1950. Desde Janeiro de 1977 viveu em Fragoso, em residência particular onde faleceu.

Rosa Rodrigues Sampaio

No dia 7/3/81 partiu para a eternidade a Sr.ª Rosa Rodrigues Sampaio, — mais conhecida por «Rosa do Menina» — com 73 anos, do lugar de S. Paio de Cima. Ali viveu e nesse mesmo lugar veio a falecer. De família cristã e temente a Deus, seus pais educaram-na na prática das virtudes da nossa religião: Casou com Manuel Moreira de Faria, de quem se encontra viúva há alguns anos, desse matrimónio nasceram três filhos: Arminda, residente aqui na freguesia, Cândido, emigrante na Argentina, José já falecido. Dedicou toda a sua vida às lides domésticas e ao trabalho dos campos, deixando de trabalhar apenas quando lhe faltaram as forças.

Que Deus a tenha na sua glória.



Rosa do Menina

Maria das Dores Lourenço Viana



Maria Viana

Assim era conhecida na nossa freguesia. Filha de António Antunes Lourenço e de Albertina Ascensão... Devido às dificuldades da vida, os pais foram obrigados a emigrar para o Brasil quando ela contava dez anos... Na cidade do Rio de Janeiro cresceu e viveu a sua juventude onde conheceu aquele que viria a ser o seu com-

panheiro, o Dr. Manuel Viana, natural da Freguesia de Antas... Casada em 10 de Março de 1923 regressou a Portugal em 1925, já com o filho Eduardo e que hoje é o chefe da Estação dos Correios de Esposende. Além deste nasceu outro filho o Alberto e que hoje é proprietário da Loja de Ferragens e Drogaria com o nome Casa Alberto Viana, outrora pertencente a seu pai Manuel Viana...

De nome próprio, Maria das Dores Lourenço Viana, nasceu a 20 de Julho de 1902. Esposa e Mãe, as tarefas que toda a mulher que sente vocação para o matrimónio conhece, assim viveu a D. Maria Viana na companhia do seu marido e seus filhos... Mulher carinhosa e activa, qualidades próprias para poder educar seus filhos como educou, também não deixou de ajudar o seu marido nos momentos aflitivos, da vida... Ultimamente vivia na sua casinha no lugar da Estrada com a sua empregada doméstica, Rosa Barraca considerada, como da família e em quem ela depositava a sua confiança...

Assim nos deixou em 23 de Fevereiro de 1981 depois de um longo sofrimento. Toda a família paroquial sentiu esta separação desejando Paz à sua alma...

Maria Cândida Ribeiro Torrinhas

Com 71 anos de idade, faleceu confortada com os sacramentos da Santa Igreja, no Hospital de Santa Maria em Lisboa, a nossa conterrânea, Maria Cândida Ribeiro Torrinhas de Sá, viúva de Manuel Fernandes de Sá «Lisboa». Filha dos professores António de Carvalho Torrinhas e de Maria de Jesus Ribeiro da Silva Torrinhas. Era Mãe de Fernando Torrinhas de Sá casado com Aurora da Silva Torrinhas de Sá e de António Torrinhas. Avó da menina Maria Helena da Silva Torrinhas de Sá e de Fernando Rui da Silva Torrinhas de Sá. Irmã de Maria Adelaide Ribeiro Torrinhas Côrte Real, Carolina de Jesus Ribeiro Torrinhas Amaro, Horácio Ribeiro Torrinhas da Cruz, Armindo de Carvalho Torrinhas, Augusto de Carvalho Torrinhas, falecido, António de Carvalho Torrinhas falecido, Teresa de Jesus Ribeiro Torrinhas Fernandes, falecida e de Maria da Conceição Ribeiro Torrinhas Morais, falecida.



Cândida Torrinhas

Conceição Alves Gramosa



ção de Gramosa

No dia 13 de Março faleceu no lugar da Guilheta, com 78 anos de idade, Conceição Alves Gramosa, era natural desta freguesia, mulher muito simples, ficou orfã de mãe muito nova teve que mendigar para viver, passou horas difíceis, pois era pobre. Trabalhava como jornalista onde quer que a chamassem, deixou duas filhas, Beleza casada em Carvalhal, Barcelos, Cândida casada nesta freguesia.

Que a sua alma descanse na eterna morada.

Maria Alves da Cruz «das Almas»

Faleceu no lugar da Igreja, Maria Alves da Cruz «das Almas». Contava 73 anos; de família humilde e numerosa, foi educada por seus pais no respeito a Deus e ao próximo.

Não teve vida fácil, pois como os tempos eram difíceis, logo que as forças lho permitiram, empregou-se como criada de servir, tendo, passado vários anos em casa do Sr. Domingos Gonçalves Neiva. Daqui regressou a casa de seus pais, passando o resto da sua vida na companhia de suas irmãs, junto de quem viria a falecer. Que Deus lhe dê a recompensa de seus trabalhos.



Maria das Almas

Emília Alves da Cruz



Emília da Capucha

No dia 1-2 faleceu com 88 anos, no lugar de S. Paio de Cima; Emília Alves da Cruz; mais conhecida por «Emília da Capucha», filha de José Pires Laranjeira e de Maria Alves da Cruz, já falecidos, passou grande parte da sua vida como criada de servir, em casa do Sr. Manuel Martins Viana. Tendo mais tarde regressado para junto de seu pai; após o falecimento destes continuou na casa paterna junto com seus irmãos; actualmente vivia com seu irmão António, junto de quem viria a falecer. Aos leitores rogamos uma prece pelo eterno descanso de sua alma.

Foi inaugurado o Pavilhão Gimno-desportivo de Lanheses

No passado dia 10 de Fevereiro, a populosa freguesia de Lanheses, onde se localiza uma nova ponte sobre o Lima, prestes a ser concluída, viveu um inesque-

cível dia de festa, com a inauguração do pavilhão gimno-desportivo da Casa do Povo. Este pavilhão foi concebido como um espaço polivalente, que tanto pode

dar para representações teatrais, pois tem um palco adequado, e para projecções cinematográficas, ou similares, como para actividades desportivas, estando já o funcio-

nar nele uma escola de patinagem e voleibol, aguardando-se que outras modalidades, nomeadamente o andebol e o basquetebol, o utilizem.

O ringue tem um espaço de 38x18 metros, é flanqueado por uma bancada onde cabem sete centenas de pessoas, e anexos a estas estão os balneários e outras dependências apropriadas.

A inauguração foi assinalada com um jogo de hóquei em patins disputado entre a juventude de Viana e o Académico de Braga.

O público acorreu com elevado interesse e demonstrou-se satisfeito com o animado jogo de inauguração que lhe ofereceram as duas valiosas equipas minhotas.

MANUEL DE BOAVENTURA

Exposição Bio-Bibliográfica na Câmara Municipal de Esposende

(Continuação da 1.ª pág.)

Ilustre escritor, — cujo centenário do nascimento acontecerá em 15 de Agosto do próximo ano de 85 — coincide significativamente com a inauguração do «novo» edifício da Câmara Municipal e pretende ser o tributo cultural da edilidade para a divulgação da vida e obra de Manuel de Boaventura, falecido há quase oito anos.

O certame encerrou no dia 27 com uma conferência sobre a vida e obra do escritor, proferida no Salão Nobre dos Paços do Concelho pelo Dr. J. Bernardino Amândio, nosso conhecido pela sua colaboração em «O Cávado».

MANUEL DE BOAVENTURA

O Homem e a Obra

Manuel Joaquim de Boaventura nasceu em Vila-Chã, Esposende, a 15 de Agosto de 1885. Era filho de Albino Dias de Boaventura e de D. Balbina Gonçalves do Vale, pais abastados que lhe proporcionaram um contacto assíduo com as letras desde muito novo.

Fez a instrução primária em Leiria, frequentou depois o Liceu de Guimarães e regressou a Leiria, onde completou os estudos e se diplomou como professor primário, seguindo as pegadas do próprio pai.

Conjugando o exercício da profissão (onde ascendeu aos cargos de Inspector e Director Escolar) com uma fértil actividade literária e alguma agitação política, Manuel de Boaventura alcançou merecida projecção nas letras regionais, granjeando igualmente o respeito e a estima pela sua vincada personalidade — que o levou, por exemplo, a rejeitar o grau de Oficial de Benemerência, por não se considerar «merecedor da benesse» que lhe fora atribuído em 1932.

Faleceu em 25 de Abril de 1973 num acidente de viação em Esposende.

Desde muito novo Manuel de Boaventura mostrou a sua inclinação para assuntos literários. Convém realçar que a vasta obra do autor de «Contos do Minho» versou assuntos de carácter vincadamente regional numa linguagem semeada de provincianismo e sem artificios, que mereceu a atenção do público e da crítica, a ponto de merecer sucessivas edições para quase todos os seus livros — hoje, na sua maioria, esgotados.

Com um trabalho paciente de investigação e adaptação das lendas, tradições, usos e costumes da sua aldeia e da província do Minho em geral, Manuel de Boaventura deu um contributo extraordinário para o enriquecimento da literatura e etnologia regionais.

Aos 18 anos escreveu o seu 1.º livro: «Velharias duma Aldeia» ou «Solar dos Vermelhos» já adaptado ao teatro. A edição esgotou-se em menos de um ano, apesar de serem «332 páginas de prosa incipiente e mal cerzida», segundo nota do autor. Seguiram-se «Crimes de um Usurário» (1910), «Vocabulário Minhoto», 1916, «Contos do Minho» (1927), «Contos Imperfeitos» (1947), «Novos Contos do Minho» (1953) e «Zé do Telhado» (1960), entre muitas obras que seria exaustivo referir, mas que vão dos contos aos ensaios, passando pelos poemas.

Paralelamente o autor de «O Desterrado» exerceu intensa actividade jornalística repartindo a sua colaboração por jornais e revistas como o Jornal de Notícias,

Século, Correio do Minho, Diário do Minho, Esposendense, Diário de Notícias e Cávado.

Manuel de Boaventura, que conheceu a frieza do presidio por causa da intolerância política, possui ainda, entre os seus escritos, numerosos inéditos. E para concluir, fazemos eco da hipótese avançada pelos organizadores da exposição: porque não recolher exemplares de todos os seus

trabalhos e, por ocasião do centenário próximo do seu nascimento, reeditar a sua obra?

Ficamos à espera. Entretanto os nossos parabéns por esta iniciativa cultural da Câmara, muito semelhante àquela outra dedicada a Corrêa d'Oliveira, em que tivemos o prazer de colaborar.

M. N.

O Regimento da Assembleia de Freguesia em questão - desactualizada a biblioteca do porta-voz do PSD local?!

(Continuação da 1.ª pág.)

Prof. Albino Sá, no n.º 81. Aquilo que afirma no seu n.º 3 não é substancialmente diferente do que escrevemos no § 1.º. Efectivamente, salientava, no referido, a monotonia, o vazio, o confronto entre os dois blocos como fazendo parte integrante de algumas reuniões da A. F. Acho que neste sector o Sr. Prof. Albino de Sá confirma, cabalmente, aquilo que era o nosso pensar.

Com certeza, que não seria este comportamento que desejávamos da A. F. Mas, é esta a que temos. E ela preside, dentro das suas competências legais, aos destinos da Freguesia porque as listas foram aprovadas pelas respectivas hierarquias partidárias, em primeiro lugar; e porque foi esta a A. F. que o povo no dia 16 de Dezembro de 1979, referendou através do voto directo, secreto, e universal. Poderemos não concordar com ela, mas temos que a respeitar, e com ela dialogar, porque auffer de legitimidade democrática, porque escolhida em eleições livres e democráticas, esperando que em 1982 seja mais perfeita. A A. F. possui mandato popular e constitui legitimamente a vontade do povo expressa através do voto.

3. Quanto ao seu ponto 2, consideramos incorrecto que o Regimento (texto regimental) fique apenas à respectiva acta em que foi aprovado. Sustentámos a obrigatoriedade da transcrição do Regimento — e não apenso — na acta. Parece-nos que a A. F. errou ao decidir a apensação do Regimento em vez de transcrição. E quando nos batemos pela não obrigatoriedade da publicação do Regimento, fizemo-lo salvando esta hipótese: «Como deliberação interna que é, ela é válida e executável, a partir do momento em que a respectiva acta foi aprovada. (O problema talvez tenha que se formular de outro modo se não estiver transcrito na acta)».

A invocação que faz do «Acordão de 22 de Junho de 1978, in Acordãos Doutrinários do Supremo Tribunal Administrativo, ano XVII, n.º 204, p. 1429 e ss», neste caso, é simplesmente irrelevante.

Em primeiro lugar, porque o referido Acordão se refere à «delegação de poderes» da «Câmara Municipal de Portimão à Junta de Freguesia recorrida (...)» e não do Regimento da A. F. Diz textualmente, segundo a transcrição do Sr. Prof., o Acordão de 22-6-78: «Daí que os despachos ou deliberações de delegações de poderes só possam ser eficazes depois de publicados, e que no âmbito

das autarquias locais pressupõe, como forma de publicação, a prevista para os regulamentos e posturas». (Sublinhado nosso). Qual a semelhança entre Regimento e delegação de poderes?

E está correcto, e concordamos perfeitamente com o teor do Acordão neste aspecto. E isto porque nenhum órgão do Poder Local pode delegar os seus poderes, a não ser nos casos e nos termos expressamente previstos na Constituição e na Lei n.º 79/77.

Alude, portanto, o Acordão à «Delegação de Poderes» e não ao Regimento da A. F. Daí que continue a sustentar a não obrigatoriedade da publicação do Regimento.

Em segundo lugar, baseando-me na segunda parte desta transcrição: «(...) e que no âmbito das autarquias pressupõe, como forma de publicação, a prevista para os regulamentos e posturas». Estes têm eficácia externa e segundo o artigo 122 do C.R.P. é obrigatória a sua publicação. Mas, atrevo-me a perguntar: será capaz o Sr. Prof. de indicar qual a forma de publicação para estes actos, a que se refere o Acordão? Certamente que não e o mesmo nos aconteceria se o tentássemos. É que, na verdade, a lei ainda não determinou a forma de publicação para estes actos dos órgãos do Poder Local. Se o Regimento tivesse que ser publicado, como sustenta o Sr. Prof., e que contestamos, qual a forma que tem de assumir a sua publicação? Haveria publicação se o Regimento tivesse eficácia externa, o que não acontece, porque acto «interna corporis» como se verá.

4. O Regimento diz respeito só aos membros da Assembleia de Freguesia, porque esses é que são os seus destinatários.

O Regimento pode não regulamentar a intervenção do público, na medida a que isso não é obrigado. A Mesa da A. F. pode decidir a não intervenção do público, na medida em que nos órgãos deliberativos esse tempo de intervenção é facultativo, sendo obrigatório sim, nas reuniões dos órgãos executivos. Efectivamente, diz o artigo 100.º, n.º 1.º: «As reuniões dos órgãos deliberativos das autarquias são públicas». N.º 5.º: «Nos órgãos deliberativos, compete à mesa a faculdade de deliberar sobre a existência de um período de intervenção aberto ao público».

5. Quanto à interpretação que se faz do n.º 2 do artigo 12.º da Lei 79/77 de 25 de Outubro, parece-nos correcta, embora possa levar a grandes

polémicas que para o caso não são chamadas. Só que na respectiva reunião da A. F., o Sr. Prof. disse que a reunião indicada era a de Março e não a de Novembro, para a apresentação do Relatório de Contas. O que legalmente é incorrecto, pois a reunião indicada é a de Novembro.

E, efectivamente, esta interpretação está correcta, e não contradiz aquilo que se afirma na «Voz de Antas», pois nos limitamos a fazer a transcrição, sem tirarmos qualquer conclusão, em consonância com o artigo 20.º n.º 1 da Lei 1/79 de 2 de Janeiro. Diz: «1. Até 31 de Março de cada ano são enviados ao Tribunal de Contas pelos Presidentes das Juntas de Freguesias cujas contas registem receitas ou despesas globais ou superiores a dois milhões de escudos (...) as contas respeitantes ao ano transacto, (...)». (...) 3. Até 31 de Outubro de cada ano o Tribunal de Contas julga as contas e remete-as às Assembleias das autarquias respectivas para efeito da sua apreciação». (Sublinhado nosso).

Parece pois que as contas que abram valores de 2 milhões de escudos só são aprovadas pela A. F. em Novembro do ano seguinte, depois de apreciadas pelo Tribunal de Contas. E aquelas que não atingem aqueles valores? Parece-nos que se deve proceder analogamente.

E pode uma Junta de Freguesia, que não esteja abrangida por aquelas condições, estar um ano sem apresentar contas, quando não tem qualquer fiscalização?

6. Num próximo número, tentaremos abordar a questão do orçamento da Junta de Freguesia.

Quanto a este debate, para nós, está encerrado. Defenderam-se aqui pontos de vista diferentes, que, dignamente, respeitamos. Pensámos ter contribuído, cada um a seu modo, para um melhor funcionamento dos nossos órgãos autárquicos. Mais uma vez salientamos que não há inimizades, nem houve tentativas de ofensas pessoais, como alguém pretendia insinuar.

Esperamos que estes debates sobre o «Poder Local» possam continuar através de «opiniões» de diferentes perspectivas políticas, para que assim se contribua para uma maior dignificação do «Poder Local» possam continuar através regime democrático como o que pretendemos.

Terminamos desejando que ninguém abandone o campo de batalha, que é o Trabalho para o bem da Freguesia.

N. C.

(Continuação da 1.ª pág.)

nais. Entre nós, os historiadores apontam alguns trabalhos neste domínio, o mais antigo dos quais é o «Rol dos Besteiros de Conto de D. Afonso III» (1270). Em 1732, foi feita a «Lista dos Fogos e Almas que há nas Terras de Portugal».

«Em 1 de Janeiro de 1864 efectuou-se o I Recenseamento Geral da População Portuguesa, que seguiu de perto as orientações Internacionais para este tipo de trabalhos». As contagens antecedentes caracterizaram-se pelo pouco rigor que resultou da utilização de recursos científicos. Refiram-se as seguintes:

Em 1801 — 2 931 930 habitantes;
Em 1801 — 3 061 684 habitantes;
Em 1851 — 3 471 199 habitantes.

O Congresso Internacional de Estatística, realizado em Bruxelas no ano de 1853, preconizou a realização de contagens populacionais de dez em dez anos. O III Recenseamento Geral da População, em 1890, foi a tónica para a periodicidade aconselhada: e década a década (com excepção de 1910, implantação da República, em que o V Recenseamento passou para 1911) os recenseamentos vieram a ser feitos com maior ou menor fidelidade.

Qual a evolução?

Com a experiência que foi sendo adquirida tornou-se possível uma evolução, muito clara em três aspectos:

1. Alargamento do número de perguntas, bem como inclusão de mais dados pessoais (nível de instrução, profissão, ramo de actividade económica, etc.).
2. Transferência da responsabilidade pela execução das operações censitárias locais para as câmaras municipais e divisão territorial por concelhos.
3. Aprefeção progressiva dos métodos de recolha e substancial redução do espaço que medeia entre a recolha e a publicação.

Operações preparatórias

«Os Censos 81 foram preparados ao longo de vários anos e os questionários que os integram foram sujeitos a um estudo bastante cuidado» no sentido de facilitar as tarefas das pessoas recenseadas, dos agentes e do próprio Instituto.

Diga-se, por exemplo, que em 75 se realizou um teste restrito, em Junho/79 se repetiu um texto ao tipo de questionário individual e de alojamento e um ano mais tarde, um inquérito piloto para dar os últimos retoques no aspecto organizativo (selecção e formação dos agentes recenseadores, suas responsabilidades e perspectivas áreas de actuação) e no aspecto exe-

cutivo, ao tornar as juntas de freguesia em bases territoriais, etc.

Como vai ser em 81?

Ao I.N.E. cabe a responsabilidade da preparação, organização e execução dos Censos 81. Por falta de meios humanos e materiais suficientes para chamar a si a execução integral dos Censos 81 o I.N.E. conta com a colaboração das autarquias locais — câmaras municipais e juntas de freguesia — para coordenar a execução do recenseamento, até porque são aquelas as principais beneficiárias dos dados que forem recolhidos.

Assim o I.N.E., por intermédio dos agentes de censos e inquéritos, presta assistência aos distritos e seus concelhos, pela formação de delegados. Por sua vez o delegado coordenará tecnicamente as operações no seu concelho e dará formação aos restantes colaboradores-agentes recenseadores, coordenados pela Junta de Freguesia.

Por tudo isto, que se enquadra numa máquina copiada de outros países europeus, e pela possibilidade de recurso à informática é opinião manifesta do Instituto e dos meios mais ligados aos censos que os resultados obtido em 81 serão bastante fiéis à realidade portuguesa.

Um caso concreto

A nossa freguesia terá, evidentemente, a sua recolha de dados. Estamos em posição privilegiada para informar que essa tarefa cabe aos seguintes agentes recenseadores: Manuel António Barros Viana, Manuel Cunha Neiva, Adília Neiva e Mário Neiva Viana. No entanto, todos os agentes irão devidamente credenciados e os dados recolhidos serão absolutamente **confidenciais**.

O censo consta de 4 questionários: ao representante da família será entregue, pelo agente, um sobre o agregado familiar, que contém perguntas sobre a família (ou famílias) residentes e sua composição. Em caso de dificuldades no preenchimento a J. F. prestará o apoio necessário. «Por cada uma das pessoas residentes no alojamento às zero horas do dia 16 de Março deverá ser também preenchido um questionário

individual (incluindo crianças e os temporariamente ausentes). Por último, o agente recenseador preencherá um questionário para cada edifício, indicando nomeadamente a sua idade aproximada, utilização, materiais de construção e cobertura»¹. Brevemente se iniciarão os censos. Daqui alertamos desde já as pessoas para que colaborem com os trabalhadores do I.N.E.

Só assim será possível sabermos quantos somos e como somos. Concretamente:

- Quantas casas existem e quantas são necessárias;
- Quantos desempregados existem no país; quantos desempregados existem na agricultura, comércio e indústria;
- Quantas pessoas estão reformadas ou poderão vir a estar nos anos mais próximos;
- Quantas pessoas não sabem ler nem escrever ou possuem um determinado grau de ensino;
- Quantos estudantes estão a terminar os seus estudos e vão procurar emprego nos anos mais próximos;
- Quantas pessoas trabalham na agricultura, comércio ou na indústria;
- Quais as zonas com maiores carências de infra-estruturas, como escolas, água, electricidade ou esgotos.

Mas há mais!

No sentido de uniformizar as nossas operações censitárias com a maioria dos países europeus decidiu-se que a partir de agora, os censos passarão a ser efectuados no ano terminado em um de cada década.

Doravante, nos anos terminados em cinco, haverá recenseamentos da habitação. Em 1985, portanto teremos de novo um recenseamento, desta vez voltado fundamentalmente para a habitação, embora contenha perguntas visando o apuramento da população residente.

«Conhecendo melhor o País que somos preparemos o País que queremos ser».

M. N.

(cit. — Manual da Agente Recenseador, Lisboa 1981).

¹ «O Ponto».

Colaboração entre Estado e Igreja mas sem quebra de Independência

— defendem os bispos portugueses

Ao aproximar-se a revisão da Constituição da República — que como sabemos, foi elaborada em 1976 com predominância da ideologia marxista

ta — o Conselho Permanente do Episcopado Português publicou uma Nota Pastoral a apresentar os seus pontos de vista, numa linha cristã.

Neste documento os bispos tomam posição nomeadamente quanto à família, condenando o aborto e certos processos de planeamento familiar e quanto à violência, à liberdade religiosa e à necessidade de colaboração do Estado com a Igreja, sem quebra da independência entre si.

O Episcopado advoga uma Constituição «menos ideológica», lembrando ao cristão que «não pode aderir (...) nem à ideologia marxista ou ao seu materialismo ateu ou à sua dialéctica de violência (... nem à ideologia liberal exaltando a liberdade individual e subtraindo-a a qualquer limitação».

O Episcopado português é contra a sobrevalorização do Estado ou a sua redução «a limites inadmissíveis» e, aceitando a apropriação pública dos bens «pela legítima autoridade, dentro dos limites do bem comum e mediante compensação equitativa», considera que isso «não invalida o direito de propriedade privada».

Por acaso sabia que:

- Manuel Amaro vende uma casa térrea com quintal, no lugar de Azevedo?
- O BAR da sala de convívio paroquial encerrará à tarde dos dias de domingo?
- A Bandeira de S. Cristóvão foi adquirida mercê das diligências de Manuel R. Lapeiro, que, o fez com as esmolas que tem recebido e continuará a receber para S. Cristóvão?
- Albino de Azevedo Faria, aluno do 3.º ano de Teologia (Universidade Católica) será instituído ao Ministério de Leitor no dia 5 de Abril, no Seminário Conciliar?

- Mário Neiva estuda a possibilidade de publicar um livro de sua autoria. Mário Neiva Viana, estudante propedêutico, responsável do sector de E. Física e Desporto e Secretário Geral da JAEOCA é um dos ilustres colaboradores de «Voz de Antas» que muito honram e prestigiam as colunas do nosso jornal?
- No último número do nosso jornal, veio publicada uma gralha imperdoável? Onde se lia «Coutada-Arca ao ataque» deveria ler-se: Contacto-Arca ao ataque. Aos leitores a nossa desculpa.
- O 5 de Abril é o DIA MUNDIAL DO DOENTE?

BAR

Sala de convívio paroquial

No passado mês de Fevereiro, sob a gerência de António Meira Pereira e de José Graçano Alves Pereira, apresentou o rendimento de 20 436\$00.

Seria peso a mais?

As máquinas agrícolas, neste caso o tractor, são muito boas e beneficiantes, são também, em algumas ocasiões, o diabo e um meio de infelicidade.

Foi assim que o tractor pertencente ao Sr. Albino Rodrigues quando se dirigia para sua residência virou a carroçaria dando infelicidade às Irmãs Fernanda e Amélia.

Segundo depoimento do próprio proprietário do tractor o facto se deve ao peso de umas «capelas» para poços, as quais se encontravam só num lado do tractor.

O local da queda do tractor foi na «balança». Quando o tractor deslizava por aquele local, como já fosse um pouco tarde, ao transpor uma curva, o Sr. Albino, segundo parece, carregou um pouco mais no «prego» e com o peso das «capelas» a carroçaria do tractor virou.

Daqui resultaram ferimentos tais como a fractura de um braço da Fernanda e da Amélia.

Também o Sr. «Tino do Roco», que se encontrava no tractor, no momento do acidente teve ferimentos ligeiros na face.

É de salientar que o Sr. Albino, que conduzia o tractor não teve ferimento algum.

Dia a dia mais próxima...

A Visita Pastoral — 5 de Abril

A Família Paroquial prepara-se afanosamente para receber em sua CASA o Senhor Bispo Auxiliar, D. Manuel Ferreira Cabral. Recebê-lo-emos como um Pai, um Chefe, um Pastor que traz a sua bênção e a graça do Sacramento da Confirmação que só ele, em caso ordinário, pode conferir. Ficaremos mais ricos com os benefícios que a Sua Visita nos vai trazer. «A sua palavra ensina; o seu gesto abençoa. É portador da verdade, da paz e da saudação de Cristo». Por isso vai ser recebido com veneração e em festa:

— 9 h.: Recepção junto ao portão que dá acesso ao Cruzelro e Alameda.

— 9,30 h.: Missa e administração do Crisma a 200 confirmandos.

— 11,30 h.: Visita ao Cemitério e a todo o complexo sócio-religioso que compõe o património paroquial (Fábrica da Igreja).

12,30 h.: Bênção e almoço na Casa de M. Brito Ferreira.

14,30 h.: Despedida.

O pároco é, na freguesia, a presença permanente do Bispo junto dos seus filhos — os fiéis. **Seja bem vindo o Nosso Pastor!**

«Andar por gosto não cansa»

Uma jornada de oração e penitência

Ocorreu no passado dia 15 de Março a habitual e palmilhada Via-Sacra pelos caminhos da freguesia.

Iniciou-se às 2 horas da tarde, e pontualmente, uma multidão de gente aguardava a partida.

Com um belo dia que estava, toda a gente pode participar.

A Via-Sacra fez-se pelas primeiras capelas e alminhas da freguesia, começando com a 1.ª estação na Igreja e terminou na capelinha de Santa Tecla.

Tudo foi feito com entusiasmo e vontade. Todos esperamos que tão rica tradição continue.

Olival.

Bodas de Prata Sacerdotais do Padre Adélio Torres Neiva

(Continuação da 1.ª pág.)

costas a caminho do Seminário de Godim. Já era órfão de mãe. Isso porém não o impediu de sentir o que é a saída da casa paterna e do seio da família, quando ainda se é criança.

A vida do Seminário era muito dura nesse tempo. A disciplina rígida. Além disso estava-se em plena guerra mundial. As privações eram enormes e de toda a espécie. O P. Adélio, desde criança, se habituou a encarar todas as dificuldades e contrariedades com optimismo a que quase sempre sabia juntar um dito espirituoso com sabor anedótico. Hábito que tem conservado durante toda a vida. É essa uma faceta que nem todos lhe conhecem. Só os que com ele privam de perto.

No dia 8 de Setembro de 1950, fez a profissão religiosa na Congregação do Espírito Santo ao terminar o ano de Noviciado. Fê-la por 3 anos como era norma, para a fazer por toda a vida três anos mais tarde. Passou pelo Seminário da Congregação, em Viana do Castelo, para vir a terminar o Curso Teológico no Instituto Superior Missionário da Torre d'Aguilha, próximo de Carcavelos, em 1956.

Ordenado sacerdote no dia 19 de Fevereiro desse mesmo ano, veio cantar a Missa Nova na Igreja Paroquial de S. Paio de Antas, no dia 8 de Abril de 1956.

Terminado o Curso Teológico, foi frequentar a Universidade de Coimbra, onde se licenciou em História com elevada classificação. Isso não admirou aqueles que o conheciam, pois que sempre se mostrara aluno aplicado e distinto nos diversos Seminários da Congregação por onde tinha passado. A partir da licenciatura, foi uma actividade permanente sobretudo ao serviço das Publicações Missionárias da Congregação do Espírito Santo!

Mais altas funções o esperavam na Direcção Geral da Congregação a que pertence. Tendo participado no Capítulo Geral da Congregação em que eram eleitos o Superior Geral e os Conselheiros Gerais vê-se guindado à alta dignidade de Conselheiro Geral. Passou a partir de então a residir em Roma. Isso lhe impunham as novas funções que passou a desempenhar. Aí continua a residir, pois que em 1980 foi reeleito para o mesmo elevado cargo.

«VOZ DE ANTAS» saudava o P. Adélio e deseja-lhe longos anos de vida para poder continuar a servir o povo de Deus. Porque muito lhe deve desde o aparecimento, nos tempos do saudoso P. Apolinário (de quem o P. Adélio foi um dos amigos mais íntimos) aqui lhe manifesta profunda gratidão.

Quando «VOZ DE ANTAS» reapareceu nunca lhe regateou a sua colaboração competente e preciosa, apesar das altas funções que desempenha.

Quem não se recorda dos contos maravilhosos publicados por «VOZ DE ANTAS» da autoria do P. Adélio?

Também todos temos apreciado os artigos de investigação histórica da nossa terra!

Associando-se à faustosa comemoração das Bodas de Prata Sacerdotais do P. Adélio e fazendo votos para que continue por muitos e longos anos a sua acção apostólica, «VOZ DE ANTAS» agradece toda a colaboração que lhe tem prestado e deseja e espera que continue. Por tudo um portuguesíssimo «MUITO OBRIGADO» ao P. Adélio.

Congresso Eucarístico

Presença do Papa

João Paulo II estará em Lourdes a celebrar e a testemunhar a fé na Eucaristia.

Este Congresso Eucarístico Internacional celebra um centenário. Foi em 1881 que teve lugar em Lille o 1.º Congresso. Para os Cristãos esta reunião universal em Lourdes, lugar privilegiado para os doentes, os pecadores, o povo de Deus, é um acontecimento espiritual.

O 41.º, em Filadélfia, olhou para as fomes do mundo, a fim de as saciar. Agora, o 42.º, volta-se para o mundo

novo que só é possível no amor, na justiça e na paz.

Assim, preparar o Congresso é para as comunidades um tempo privilegiado de renovação na comunhão com Deus e na comunhão com os irmãos.

Para prepará-lo é urgente:

- aprofundar a fé na Eucaristia
- formar pequenos grupos de reflexão e de oração
- reunir com uma certa periodicidade
- actuar, em criatividade, na caridade e na justiça.

A nova estrada

As obras da nova estrada de Azevedo prosseguem. Não estão prosseguindo rapidamente, mas os trabalhadores respeitam o ditado popular: «Mais vale devagar e bem do que depressa e mal».

Os senhores poderão pensar que a estrada já podia estar quase no final. Eu digo-lhes, antes de uma estrada vulgar começar a ser alcatroada, ainda há muito trabalho a fazer. Vejamos o caso desta estrada de Azevedo: O corte da estrada foi feito velozmente, não há dúvida; mas antes de se alcatroar, é preciso erguer os muros que se derrubaram, é preciso meter tubos

subterrâneos para a canalização da água, etc., etc.

É o que os operários têm andado a fazer, aliás o caminho que se encontrava antes de se fazer a estrada possuía muitos muros, os quais foram derrubados para que agora possamos passar por ali sem nos «enterrarmos».

Esta estrada, não como as outras, possui ao seu lado muitos campos, os quais têm de ser irrigados, no tempo da «rega». Para que todos eles sejam irrigados é preciso fazer muitas encanações, estas já estão prontas.

I Curso de Iniciação ao Jornalismo

(Continuação da 1.ª pág.)

Gostaríamos bastante de condensar, no espaço de que dispomos, o conteúdo essencial das sete lições ministradas. Usaremos outro processo: hoje publicamos o conteúdo da 1.ª lição e, noutros números, prosseguiremos. Antes, porém, a nossa apreciação de alguns aspectos relacionados com este curso.

1. O que é o Gabinete de Imprensa de Guimarães e qual o objectivo que presidiu à realização deste curso?

«Um dos objectivos que levaram à criação do G.I.G., em 1976, era precisamente o de procurar, por todos os meios possíveis, a valorização daqueles que, mais por carolice do que por outros intuitos, se dedicam à imprensa.

O n.º 3 do art. 2.º dos Estatutos que o regem diz textualmente: «criar cursos ou quaisquer outras actividades que se integrem na função para que o G.I. foi criado».

Procurando beneficiar aqueles que ora se iniciam na ingrata quão sublime arte de formar e informar a opinião pública surgiu o I Curso de Iniciação ao Jornalismo.

1. Muitas foram as entidades e pessoas que se queixaram dos moldes em que foi feita a divulgação da iniciativa. Afirma o G.I. que «foram remetidas circulares a todos os jornais conhecidos, de grande e de pequena circulação. Idênticas circulares foram mandadas aos diversos estabelecimentos de ensino, às associações culturais, recreativas e desportivas, enfim, aos Párcos». É evidente que não podemos acreditar sem certas reservas, aliás plenamente justificadas pelo que se passou entre nós. Que saibamos, só o Pároco foi contactado e já em cima da hora, a julgar pela tentativa frustrada de inscrever um leque maior de jovens no referido curso. Que nos desculpe, portanto, o G.I. mas não acreditamos.

2. Adiante, porém. Cada jornalista abordava um tema, antecipadamente tratado numa lição escrita. Fez-se a distribuição e o curso iniciou-se simultaneamente nas sedes dos sete concelhos onde as inscrições o justificavam (Braga, Cabeceiras de Basto, Esposende, Fafe, Famalicão, Guimarães e Vieira do Minho) em sistema rotativo.

Nós sobemos e a organização também sabe que este não é o melhor processo. Cria desordem na exposição da matéria, o assunto torna-se repetitivo, há lacunas graves no catecismo jornalístico dos jovens aspirantes. Mas dados os condicionamentos a que o curso teve de se submeter é aceitável. Que em iniciativas futuras se faça o possível para usar outro sistema pedagógico e os resultados ficarão à vista.

Aspectos de somenos importância poderão ser também corrigidos. Estão neste caso os atrasos (desculpáveis pela distância que os monitores tinham a percorrer nas suas deslocações de Braga e do Porto). Não tão desculpáveis são os atrasos injustificados na abertura da escola, inclusive mos os jornalistas à espera!

Já os horários das lições nos parecem discutíveis. No caso concreto de Esposende

(e expomos uma visão pessoalíssima do assunto) o melhor horário seria à tarde — como aconteceu noutros concelhos — porque nem todos os participantes dispõem de transporte particular e estão em condições de pagar a carros de aluguer.

4. Finalmente, uma outra observação que auscultámos de igual modo noutros participantes. Em 7 de Março, Sábado, à tarde, foi a entrega dos diplomas e a distribuição do jornal numa cerimónia realizada no Gabinete de Imprensa em Guimarães. Registou-se um elevado índice de ausências, inclusive de Esposende, o que obrigou à transferência da entrega para a Câmara Municipal, porque era extremamente difícil aos alunos deslocarem-se a Guimarães no dia marcado.

Quando tudo se resolvia com uma entrega em Esposende na própria biblioteca da Escola!

5. Nem tudo merece reparos, no entanto. Este I Curso de Iniciação ao Jornalismo foi, com todos os seus defeitos, uma experiência maravilhosa para mais de 400 jovens. Porque o jornalismo, sendo uma profissão aliciante, não possui, ou não possuía até há bem pouco tempo, qualquer conjunto de bases escolares ou de cursos. O que se fazia era o estágio de quem tinha jeto nos jornais que os iniciavam até à entrega da carteira profissional.

Hoje surgem tentativas de preenchimento: já há, a nível de ensino, a disciplina de Jornalismo e um curso superior — de molde a proporcionar uma preparação cuidada aos que enveredam por este caminho, o que só abona em favor da profissão. Assim, cursos como este de que falamos merecem de nós adesão imediata e o maior apoio.

Que o G. I. e o FAOJ repitam iniciativas do género. Ansiosamente aguardamos o curso complementar, entretanto.

1.ª Lição:

Jornalismo: direitos e deveres

Silva Tavares

«O quadro ético de Direitos e Deveres do Jornalista decorre do direito à Informação, constitucionalmente assegurado e regulamentado na Lei de Imprensa.

É neste contexto que surge o direito à informação, desdobrado em dois sentidos, de muitas implicações:

a) O direito de ser informado — para o cidadão

b) O direito de informar — para o jornalista.

O direito de ser informado é garantido através de:

1. Medidas antimonopolistas
2. Publicação do Estatuto Editorial
3. Identificação da publicidade
4. Reconhecimento do direito de resposta
5. Acesso ao Conselho de Imprensa.

O direito de informar implica:

1. Liberdade de acesso às fontes de informação
2. Garantia do sigilo profissional
3. Liberdade de publicação e difusão
4. Liberdade de imprensa
5. Liberdade de concorrência
6. Garantia de independência do jornalista e da sua participação na orientação da publicação jornalística.

São deveres fundamentais do jornalista profissional:

1. Respeitar escrupulosamente o rigor e objectividade da informação;
2. Respeitar a orientação e os objectivos definidos no Estatuto Editorial do órgão de comunicação social para que trabalhe, bem como a ética profissional, nem abusar da boa-fé dos leitores, encobrindo ou deturpando a informação.
3. Respeitar os limites ao exercício da Liberdade de Imprensa nos termos da Constituição e da Lei.

Zé Caramalho

SOUBEMOS E REGISTAMOS

Teresa Santa Clara Gomes afirmou na Assembleia da República, em nome da UEDS, em crítica ao Governo: «Não nos apraz brincar às moções de confiança!»

Achamos graça! Pelos vistos só lhes apraz brincar às moções de rejeição! É por estas e por outras que a Assembleia da República se descredita cada vez mais aos olhos do povo!

A nomeação do General de 4 estrelas, Pedro Cardoso, para a OTAN, em Bruxelas, deixou de ser problema, por se «ter concluído que um general português de 4 estrelas, equivale a um general de 3 estrelas da OTAN».

Será que os generais portugueses foram desvalorizados? Ou tê-lo-ão sido só as estrelas?!

Dizem-nos que os «fascistas» foram substituídos pelos «tachistas»! Será verdade? Até parece!

Segundo o semanário católico «Vi da Nova» «em Espanha dá-se um suicídio em cada 4 horas e uma tentativa em cada trinta minutos...»

Triste sinal dos tempos em que vivemos!...

«Onde está o dinheiro do Fundo de Defesa do Ultramar?» Esta pergunta feita pelo Governo Sá Carneiro. Alguns órgãos de comunicação social continuam a fazê-la. Ninguém responde.

Na «democracia tutelada» em que vivemos é assim! Transparência dos actos públicos era o que desejávamos e nos foi prometida! Mas... continuamos sem saber para onde foi um milhão de contos!!!

Dizem-nos que «a água do Luso está a dar prejuízo». A Indústria Cervejeira perde em Portugal 600 mil contos por ano!

Muito se aldraba ou muito se rouba neste país!!!

Relativamente ao desastre que vitimou Sá Carneiro e acompanhantes, dizem-nos que foi a asa esquerda do avião que se incendiou. Precisamente a que não tinha pinga de combustível no depósito...

Estranho. Muito estranho! E para nós inexplicável!!! E se não tinha combustível, como foi possível acontecer tal falha?!

Ana Maria Moreira Cunhal filha benquista de Álvaro Cunhal, precisou de ser operada ao apêndice. Passou pelo Hospital de Santa Maria, onde o povo simples e vulgar se trata... mas optou por um Hospital Particular, quarto individual, cirurgião de elite, com enfermagem por Irmãs de Caridade — as Irmãs Franciscanas Hospitalares da Imaculada Conceição!

Quando for preciso dar espectáculo, na Assembleia da República, e impressionar as «massas trabalhadoras», será defendido acaloradamente o Serviço Nacional de Saúde, os Hos-

pitais Cívicos, onde o doente é um número anónimo... Igualdade sim, mas para os outros! Sociedade sem classes sim, mas salvaguardados os privilégios dos privilegiados... como a filha de Cunhal! Perceberam? Nós também!

Relativamente ao Congresso do PS, António Arnaut declarou que «não é desejável que Soares apresente uma moção».

Desejável ou não o que é certo é que Mário Soares a apresentou. Veremos se Mário Soares se vai silenciar, controlar e arrumar na prateleira pelos seus pares!!!

Ramalho Eanes e Garcia dos Santos são de opinião que os militares não devem ser políticos.

Ficamos a pensar se os Conselheiros da Revolução teriam deixado de ser militares!...

Transcrevemos: «A política é assim. Critica-se hoje nos outros aquilo que se fez ontem e se vai repetir amanhã».

É isto que vemos demonstrado em cada dia que passa!

Lech Walesa, sindicalista católico da Polónia, afirmou: «Se não tivesse uma fé profunda endoideceria. Rezo à Virgem a quem considero a Rainha do meu país. Não temo senão Deus».

Em Portugal é diferente. Tem-se vergonha de se mostrar que se é católico! Lech Walesa diz que só teme a Deus. Os sindicalistas portugueses são diferentes. Não todos felizmente! Grande parte deles parece que só teme Cunhal!

Continua-se a falar a toda a hora da *liberdade de informar* a que os jornalistas têm direito!

Lamentamos que, propositadamente ou não, se continue a confundir *liberdade de informar* com *liberdade de fazer propaganda partidária* à custa de todos nós. Se querem fazer propaganda partidária (não lhe negamos esse direito!) que a façam à custa dos Partidos e não com os dinheiros públicos! Já basta de ambiguidade e de hipocrisia!

Por iniciativa do PC a Assembleia da República homenageou as vítimas do Tarrafal.

Para quando uma homenagem aos soldados mortos na guerra colonial, por traição de alguns dos seus compatriotas?! Será que os comunistas têm medo de pedir essa homenagem? Porquê?

Vivemos em democracia. Uma democracia em que foi possível a eleição do Presidente da República por escolha dos comunistas. A AD ganhou as eleições, mas quem vai controlar a revisão constitucional é a vontade soberana do PS! Temos órgãos de soberania eleitos, mas quem mais ordena é um órgão de soberania não eleito — o Conselho da Revolução;

No País que tem a Constituição mais progressista é assim! Frutos da

epidemia de *revolucionarite aguda* que afectou Portugal! (Se alguém não souber o que significa *revolucionarite* poderá fazer o estudo dos neologismos e dos sufixos! Aprender nunca fez mal a ninguém!)

Em Angola continuam a ser condenados à morte diversos elementos da UNITA.

Todavia o MPLA continua a acusar a África do Sul da guerra que a UNITA lhe move. Estranha maneira de deitar poeira aos olhos do Mundo!

A Direcção Geral de Saúde mandou fechar as instalações do Restaurante Internacional do Aeroporto da Portela, em Lisboa, devido à falta de higiene nas cozinhas!

Antigamente podíamos orgulhar-nos desse Restaurante. Hoje não. Talvez haja quem nos considere saudosistas do 24 de Abril! Confessamos que não ficamos preocupados, pois sempre apreciamos mais a higiene e a limpeza do que a ausência delas!

Vai realizar-se o Congresso das Comunidades. Segundo o Diploma que cria esse Congresso, todos os congressistas têm de ser eleitos democraticamente. Isto em oposição ao previsto Congresso presidido por Vítor Alves, em que 25% dos delegados seriam nomeados pela Comissão Organizadora!

Será isto fruto dos hábitos adquiridos pelos membros de um órgão de soberania não eleito?

Vimos escrito que os deputados, porta-vozes das necessidades do povo, pretendem:

- a) aumento de ordenado-base para 60 contos mensais;
- b) telefone gratuito;
- c) automóvel do Estado, com motorista;
- d) secretária particular.

Pelos vistos estes abnegados servidores do povo... Cada vez se mostram mais sacrificados! Af está a prova! Numa sociedade sem classes... Os privilégios e os privilegiados vão aumentando!

O jornal londrino «Guardian» garantiu que havia timorenses, em Djakarta, que querem vir para Lisboa. Não o podem fazer, porque as autoridades portuguesas lhes recusam o passaporte.

Lamentável que a cidadãos que são irmãos se recusa o direito de continuarem portugueses!

Depois da tentativa de golpe de Estado, em Espanha, houve manifestação grandiosa, em Madrid, em que o «conservador» Fraga Iribarne andou de braço dado com Marcelina Camacho, dirigente comunista das «Comisiones Obreras».

Nada temos contra. Apenas nos saltou à memória a lembrança da panela de barro e da panela de ferro arrastadas pela corrente do rio...

Os organismos internacionais continuam a reclamar o direito à auto-determinação do povo da Namíbia. Sem interferências externas.

Já se terão esquecido de que o povo das antigas colónias portuguesas têm o mesmo direito?! Porque fingem então ignorá-la?!

«Zangam-se as comadres, descobrem-se as verdades». É o que está a acontecer com os socialistas.

António Arnaut é Delegado Distrital da Fundação Antero de Quental, em Coimbra. As tarefas de Arnaut até hoje têm-se limitado a receber mensalmente 17 500\$00. Admirem a abnegação e o desinteresse deste indefectível socialista!

No último ano foram vários os países que investiram em Portugal, tais como a Suíça, Suécia e países da CEE e da EFTA.

A Rússia porém, não investiu nada. Parece que só costuma investir revolução e comunismo!

Dizem-nos que 13 portugueses, que tinham emigrado para a Argentina, regressaram a Portugal, porque os 52 150\$00 que cada um recebia mensalmente não lhes chegava para viver... Todavia o salário mínimo, na Argentina, é de 11 400\$00.

Velhos hábitos de quem só é hábil a polir esquinas ou a proferir «slogans» revolucionários em defesa dos «trabalhadores» que não trabalham!

Dizem-nos que «a democracia não se constrói com sofismas».

Concordamos. Daí a necessidade de se acabar com os sofismas e com os órgãos de soberania não eleitos democraticamente!

O PC quer a queda do governo. Pretende novas eleições.

Não pretenderá acima de tudo a queda de Portugal? Pelo menos parece. Acreditará o PC que o povo português lhe daria em novas eleições a maioria que até hoje lhe negou? Ou quererá apenas brincar às eleições como até hoje tem brincado às greves?!

REPÓRTER BANAL

Serviços Municipalizados

Piquete de avarias

Os Serviços Municipalizados de Esposende tornaram público que, a partir do dia 2 do corrente, entrou em funcionamento o serviço de piquete para reparação de avarias, com o horário seguinte:

— De segunda a sexta-feira das 18 às 24 horas;

— As sábados das 8 às 12 e das 15 às 21 horas;

— Aos domingos das 19 às 24 horas.

O pessoal de piquete encontra-se no Edifício dos Serviços Municipalizados, com o telefone seguinte: 89125.

Para reparações de avarias, para além das horas acima indicadas, telefonar para o n.º 89344.

Frente Solidária para a "Voz de Antas"

Março de 1981

Clara Alves da Cruz Viana, Monte	250\$00	Anselmo Faria Viana, Forjães	500\$00	Maria Angélica Azevedo Neiva, Porto	200\$00
Albina Gonçalves Eiras, Senhora da Hora	250\$00	António Faria de Queirós, Forjães	500\$00	José de Sá Silva, França	200\$00
Alcinda Pires Vieira, Monte	200\$00	Empreiteiro Lage, Meadela	250\$00	Justina Alves da Cruz, Azevedo	200\$00
Maria Pires Vieira, Monte	200\$00	David Ferreira da Silva, Belinho	300	José Joaquim Saleiro Beirão, Fragoso	500\$00
José Fernandes Alvarães, Belinho	150\$00	Ezriro Eiras de Meira Torres, Belinho	500\$00	Maria Rodrigues da Costa (Dos Pires), Azevedo	200\$00
José Gonçalves Pereira de Barros, Belinho	300\$00	Rogério Faria Rolo Fagundes, Azevedo	500\$00	Avelino de Almeida Torres Neiva, Azevedo	250\$00
Dr. Fernando de Barros, Esposende	500\$00	Maria Lourenço de Faria, Azevedo	200\$00	José de Sá, Azevedo	200\$00
Arminda Rodrigues Sampaio, Cima	200\$00	Vitória Rolo, Azevedo	200\$00	António Alves de Azevedo, Azevedo	220\$00
Manuel Ferreira da Cruz, Azevedo	500\$00	José Viana Caramalho, Apúlia	300\$00	Maria Acilda de Azevedo Matos, França	300\$00
Manuel da Costa Pereira Cardante, Guilheta	150\$00	Francisco José Pires Viana Caramalho, Apúlia	100\$00	António Martins Torres, Belinho	200\$00
Teresa do Menino Jesus Gonçalves Ribeiro	250\$00	Maria Elizabete P. Viana Caramalho, Apúlia	100\$00	Herdeiros de Rosa Vaz Saleiro Júnior, Azevedo	600\$00
Neves, Guilheta	200\$00	Domingos Ferreira Martins Ledo, V. do Castelo	200\$00	Jaime de Almeida, Monte	200\$00
Manuel Pereira de Sá, Guilheta	200\$00	José Maria Barbosa, Estrada	200\$00	Amândio Afonso Sampaio, França	400\$00
Cândida Rodrigues Meira, Estrada	500\$00	Manuel Alves da Cunha, Guilheta	300\$00		
Alfredo Cerqueira da Cruz, Estrada	200\$00	Manuel Pedreira Rodrigues, França	900\$00		
Manuel Viana da Cruz, Azevedo	500\$00	Manuel Alves Caseiro, Lisboa	300\$00		
Eduardo Rolo Agra, Azevedo	500\$00	Maria Marques de Sousa (Viúva), Lisboa	250\$00		
José Vieira, Bégica	250\$00	Maria Marques de Sousa, Lisboa	250\$00		
António Pires da Silva, Guilheta	200\$00	Alguém de Forjães, Forjães	5 000\$00		
José Ferreira de Brito, Guilheta	200\$00	Manuel da Silva Poças, Brasil	1 000\$00		
Adelaide Marques de Sousa, Guilheta	200\$00	António Alves de Azevedo, Belinho	200\$00		
David Sá, Porto	250\$00	António Rodrigues Vitorino, Castelo do Neiva	500\$00		
Olívia Viana da Cruz, Leça	250\$00	Manuel Afonso Sampaio, Azevedo	300\$00		
Maria Adelaide da Cruz Viana, Azevedo	250\$00	Domingos da Silva, França	200 Fr.		
Irmã Maria Adelaide da Cruz Viana, Moçamb.	250\$00	António Pires Laranjeira, Cima (Zincogravura)	600\$00		
Amélia Pires Laranjeira, Belinho	250\$00	Arminda R. Sampaio, Cima (Zincogravura)	600\$00		
Miguel Fernando da Costa, Vila do Conde	500\$00	Manuel Amaro, Azevedo (Zincogravura)	600\$00		
Eng.º Manuel Pacheco de Azevedo, Azevedo	800\$00	António Gonçalves Loureiro, Barcelos	150\$00		
Manuel Meira Novo, Azevedo	260\$00	Domingos Ribeiro Loureiro, Barcelos	200\$00		
Cândida Rosa da Costa, Guimarães	150\$00	Maria da Conceição M. de Faria, Cima	150\$00		
Albina Vicente Carneiro, Guilheta	250\$00	Alguém de Azevedo, Azevedo	500\$00		
Manuel Veloso Portela, França	300	Ermelinda Vieira Torres Lima, Azevedo	200\$00		
Manuel Nelson Ferreira Caseiro, Guilheta	200\$00	António da Costa, França (50 Fr.)	575\$00		
Carolina Alves Rolo Meira, Guilheta	200\$00	Anselmo Laranjeira da Costa, França	500\$00		
Ernesto Faria Vinha, Estrada	200\$00	Manuel Alves Laranjeira, Azevedo	200\$00		
César Augusto Meira Rolo, Luxemburgo	500\$00	Benedito Lourenço Faria da Cruz, França	500\$00		
Cândido Alves da Cruz, Geraz do Lima	500\$00	Manuel da Cruz Pereira, França	500\$00		
Horácio Fernandes da Silva, Monte	200\$00	Maria Cândida Dias Penteado, Azevedo	150\$00		
Alfredo Fernandes, França	500\$00	Manuel Augusto da Cruz, Azevedo	200\$00		
Manuel Alves dos Santos, Guilheta	250\$00	Maria Cândida de Sá Forte, Vila Fria	200\$00		
António Gonçalves da Costa, Belinho	150\$00	Laurinda Fernandes de Azevedo, Azevedo	200\$00		
Hilário Alves da Cunha, Belinho	500\$00	Miguel Lourenço Neiva, Almada	150\$00		
Cândida Meira Laranjeira, Belinho	200\$00	José Alves da Cruz, Monte	150\$00		
Serafim de Matos Martins, Guilheta	250\$00	Maria Alves da Cruz (Portas), Monte	150\$00		
Maria Alves Rolo, Belinho	200\$00	Luís da Costa Soares, Monte	200\$00		
Manuel Alves Caseiro, Belinho	200\$00	Basílio da Cruz Neiva, Azevedo	500\$00		
Valentim Pires Laranjeira, Belinho	120\$00	José Alves, Monte	200\$00		
Domingos Alves da Cunha, Belinho	200\$00	Justina Viana da Cunha, Azevedo	200\$00		
Maria de Fátima da Cunha, Belinho	300\$00	Manuel Alves de Miranda, Pereira	200\$00		
Olimpio Ferreira da Silva, Belinho	200\$00	Manuel Gonçalves de Azevedo, Trofa	200\$00		
Amadeu Ferreira da Silva, França	300\$00	Anónimo, Guilheta	200\$00		
		Manuel Alves de Azevedo Júnior, Azevedo	200\$00		
		P. Ernesto Azevedo Neiva, Braga	200\$00		
		Palmira Alves de Azevedo, Azevedo	150\$00		

A ADMINISTRAÇÃO AGRADECIDA

Da Argentina:

	Pesos	Esc.
Albino da Cruz Laranjeira	45 000	1 000\$
Albino da Costa Rolo	45 000	1 000\$
Albino da Cruz Laranjeira	45 000	1 000\$
Alberto da Costa Rolo	60 000	2 000\$
António Alves Rolo (novo)	45 000	1 000\$
Anselmo Meira da Cruz Saleiro	45 000	1 000\$
António Fernandes Maciel	45 000	1 000\$
Armando Azevedo,	45 000	1 000\$
Artur da Costa Rolo	45 000	1 000\$
Augusto Alves Meira da Cruz	45 000	1 000\$
Cândido Alves da Cruz	45 000	1 000\$
Ermes Rodrigues da Costa	45 000	1 000\$
Fernando da Costa Rolo	45 000	1 000\$
Felismina da Cruz de Barbosa	45 000	1 000\$
Isabel viúva de Emílio Pocas	90 000	2 000\$
Joaquim Alves de Azevedo	90 000	2 000\$
José Alves da Cruz (pico)	22 500	500\$
Justino Vieira de Sá	45 000	1 000\$
Manuel Augusto Ferreira Ledo	45 000	1 000\$
Maria Otilia C. de Sá Pereira	45 000	1 000\$
Manuel Ferreira Rodrigues	45 000	1 000\$
Madalena Vieira de Sá	45 000	1 000\$
Manuel da Cruz Laranjeira	45 000	1 000\$
Manuel G. da Torre (Barraca)	22 500	500\$
TOTAL	1 170 000	26 000\$00

Velhos tempos e Velhos costumes

Tenho verificado nestes últimos tempos, especialmente em alguns números de o Jornal «Voz de Antas» um velho costume, do qual aliás, eu já não estava muito habituado, visto estar ausente da nossa terra só agora ultimamente, passar a ser assinante do mesmo; onde no qual tenho notado que, sempre que se fala da Exma. Família do ex-Digmo. Poeta António Correia d'Oliveira, ou da sua casa, como sempre, ainda se diz: A Família da Casa de Belinho ou isoladamente, Casa de Belinho. Ora isto, faz-me lembrar dos velhos tempos, em que eu, criança ainda, verificava que pessoas havia que não gostavam de ouvir, nem de ler, tais expressões, bem como as seguintes:

«Casa do Belinho» «Colégio de Belinho» mas antes, e para eles isso sim; «Casa do Lugar de Belinho» da Família tal, ou vice-versa. «Colégio do Lugar de Belinho» visto que no primeiro caso, dá a impressão, que a Casa ou o Colégio, são distintamente da Freguesia de Belinho, o que aliás não é verdade; no segundo caso, vê-se logo que o Lugar de Belinho, é de determinada freguesia, neste caso, e a ser assim como é, o Lugar de Belinho; é da freguesia de Antas; pois julgo, que será impossível, haver na divisão administrativa Portuguesa, um determinado lugar (no caso presente Belinho) com a freguesia do mesmo nome. Por tal motivo, esta aversão, à ideia de lhe chamarem ou intitulem ao que foi «Colégio de Belinho» e agora só «Casa de Belinho» já vem de longe, pois quando o Colégio foi fundado, o que aliás não faço ideia da data exacta, mas tenho a impressão que foi entre 1936 a 1940, a Ilustre Família do ex-Poeta António Correia d'Oliveira, mandou colocar no cruzamento das estradas Porto-Viana e Igreja-Praia, e na esquina da Casa do fale-

cido Sr. Albino Fernandes de Sá uma placa, com o título: «Colégio de Belinho» a X metros. Pois houve já nessa altura, grande bairristas, aos quais esse título não agradou e se pronunciaram imediatamente sobre isso, e de que maneira. Alguém desse tempo, que ainda hoje não sabemos, teve até a petulância de sujarem a dita placa com dejectos ou detritos de animais, e de tal ordem, que ficou praticamente irreconhecível. Por tal motivo a atitude tomada por esse alguém, parece-me ter havido secretamente, tentativa de procedimento judicial o que aliás, não se chegou a concretizar, por não ter sido possível a sua descoberta. Mas alguém foi que sujou a placa, alguém que não souberam, não sabem nem sabemos; mas claro que foi, ou é ainda sujeito indeterminado, e segundo a lei, podemos ser sujeitos por suspeita e como todos nós, somos sujeitos, estamos portanto sujeitos. Mas para isso, necessário se torna, sermos indicados com tal (suspeitos) e por quem quer que seja; contudo, a não verificar-se, cabe à pessoa indicada, procedimento judicial. O que aliás, se me perguntassem a mim, quem foi ou quem seria, em primeiro lugar eu diria: (para integrar) que não sabia. Em segundo lugar, que Deus me perdoe, mas também diria que essa pessoa, possivelmente, já não pertencerá ao rol dos vivos. Na certeza porém, seja como for, o que esse alguém queria, era defender em prol da sua terra, alguma coisa de belo e nobre, que dela restava, e no seu entender, mal identificada; e que especialmente nesse tempo, era das poucas e raras coisas se não só e apenas, o que existia.

O certo é que, a Casa do ex-Digmo. Poeta António Correia d'Oliveira, foi assim intitulada com isso (Belinho), como também podia ter sido, com aquilo, ou aqueloutro,

tanto em voga no nosso País, o que aliás, não aconteceu, e embora parte de alguém esteja plenamente de acordo, todavia, por outro lado, outra parte menos esclarecida, (como se verificou em tempos idos), não concordou; isto especialmente no que diz respeito à expressão anúncio, ou reclamo, dos tais dizeres: «Colégio de Belinho» a X metros. E daí? Daí, aí vai ou vem o tal velho costume, que é o chamado por excelência uso; visto que, entra imediatamente em prática, geralmente seguida, por uma espécie de

jurisprudência, baseada sempre no tal uso, ou moda, com certa particularidade. Podendo ser também, grande determinação de comportamento, entre relações de parentesco ou grande amizade; ou vice-versa; ódio de e para; para quem? Para o autor do reclamo? Não! não é caso disso, isto foi apenas diversão.

Mateus Gonçalves Martins da Costa
Vila Nova de Gaia

Inauguração dos "novos" Pacos do Concelho

(Continuação da 1ª pág.)

em 1913 mas só agora foi possível concluí-las segundo um projecto do arq. Noé Dinis, graças à Lei de Finanças Locais e a diversas verbas atribuídas ao município. A obra, que orçou a bela quantia de 13 mil contos, veio a talho de foice para silenciar uma das críticas da oposição à actual gestão CDS, que era acusada de dispender grandes somas pelo aluguer do edifício onde estavam instalados os serviços municipais.

Estiveram presentes ao acto, para além do Dr. Fernando Amaral, ministro da A.I., S. Ex.º o Governador Civil o Exmo. Eng.º Alexandre Lusa Faria, cabeça da edilidade, e o digníssimo presidente da Comissão de Coordenação da Região Norte. Participaram

ainda no acto diversas autoridades civis (nomeadamente delegações autárquicas), religiosas e militares.

Usaram da palavra Fernando Amaral e o presidente da Câmara esposendense, referindo-se ambos ao acontecimento e congratulando-se pelas novas perspectivas que abre ao horizonte autárquico concelhio.

Na mesma ocasião foi inaugurada ainda uma exposição bio-bibliográfica sobre Manuel de Boaventura, sobre quem publicamos hoje um trabalho um pouco mais desenvolvido.

É com natural regozijo que tomamos conhecimento do facto, esperando que as melhores condições de trabalho que ora existem (e que vimos com os nossos olhos) sejam o ponto de partida para uma ainda maior eficácia da actual maioria.



A gratidão que todos lhe devemos

Morreu a tia Rosa Saleiro. A perda foi irreparável. Lamentando-a, não podemos esquecer o muito que a Paróquia ficou a dever ao seu total devotamento à causa da Igreja, quer na sua vivência cristã, quer na concessão de empréstimos, sem juro, aquando das obras paroquiais, mais tarde, transformadas em dádiva, bem como, a

sua última oferta — lavrada em testamento — de 100 contos à «sua» mesma Igreja.

Para perpetuar a sua memória e mostrar a gratidão que TODOS lhe devemos, nenhuma palavra mais apropriada do que as escritas no soneto dum grande poeta, colaborador da «Voz de Antas», Meirinho Gigante:

À TIA ROSA SALEIRA

*Se a vida terminasse com a morte
choraria a Ti'Rosa Vaz Saleira
lamentaria a sua pouca sorte
a dor, a fé e tanta vã conselira*

*Mas eu creio na Vida da Verdade
onde o Justo descansa no Senhor
onde o qu'existente é só felicidade
onde tudo o que há é paz e amor*

*Venho então à Ti'Rosa agradecer
o quanto nesta vida m'ensinou
a rezar, repartir e a sofrer*

*E que Deus a Quem ela tanto amou
a no Qual deu sentido ao seu viver
à su'alma dê o Prémio que sonhou.*

No dia 11 de Janeiro, — e como é habitual por esta altura do ano — reuniu-se em alegre confraternização, o nosso Grupo Coral.

Com a finalidade de se trocarem impressões relativamente ao ano findo, e fazer

alguns propósitos quanto ao ano corrente, e também fazer-se a prestação de contas referentes ao ano que findou.

Depois de longa troca de impressões e de se tirarem as conclusões relativas à actividade do ano de 1980, concluiu-se que era necessário admitir mais alguns elementos, para reforçar algumas vozes que se encontravam desfalcadas, pelo facto de algumas moças terem deixado de pertencer ao grupo; também se concluiu pela necessidade de se manterem os ensaios semanais, a fim de se manter sempre em boa forma; foram depois apresentadas as contas relativas a 1980 que são como segue:

RECEITA

Saldo do Ano Anterior	10 350\$
Procição do Senhor aos Doentes	1 500\$
Oferta de uma Missa	500\$
Tríduo Eucarístico	2 000\$
Casamento de António J. Vitorino	1 000\$
Oferta de D. Maria Antónia	500\$
Missa de N. Senhora das Vitórias	1 500\$
Missa de Santa Tecla	1 500\$
Casamento de Fernanda Laranjeira	1 000\$
Missa do Dia de Cristo Rei	1 500\$
Missa do Dia de Natal	1 000\$
Oferta da Casa de Belinho	1 000\$

SOMA 23 850\$

DESPESA

Passelo de confraternização	
Autocarro	9 100\$
Almoço aos participantes	13 000\$
Uma oferta ao Organista	900\$

SOMA 23 000\$

Saldo para 1981 850\$

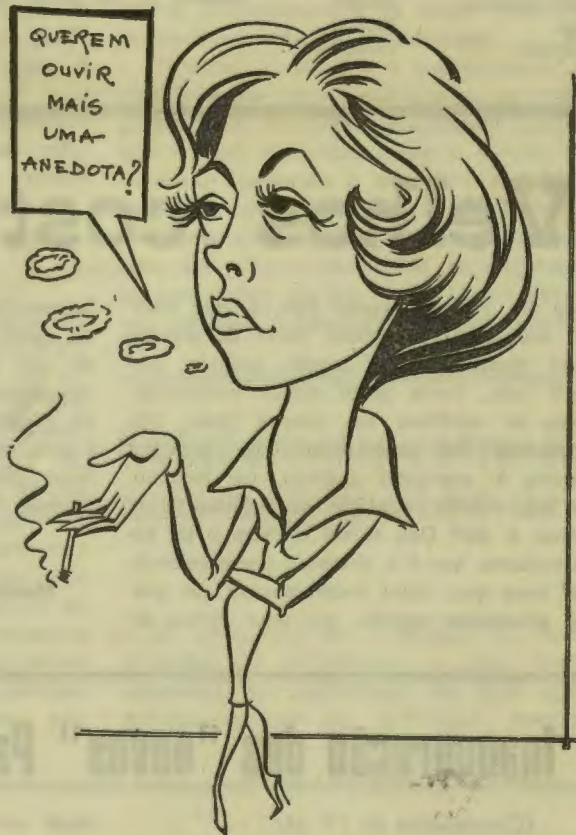
Saldada a dívida à Igreja "Mãos Limpas", consciência tranquila

Foi entregue por José Maria Barbosa em nome da Comissão de Festas/79 a Nossa Senhora dos Remédios a importância

de 24 800\$, equivalente ao saldo total positivo que havia em «caixa» e que tinha gerado acesa polémica e disparatados co-

mentários. Regozijamo-nos com o facto e felicitamos o Zé Maria por ficar com as «mãos limpas» e consciência tranquila.

Bom Humor Rir é o melhor Remédio



PENSE UM POUCO

Uma das maiores alegrias que o homem pode conhecer é de encontrar no seu passado a recordação dum gesto de bondade, nascida do fundo do seu ser, praticado sem ter sido procurado, querido quase sem se ter consciência, num gesto de bondade pura, que o obriga a acreditar no bem.

E, para lá do bem, quer o saibamos quer não, está sempre Deus. Porque o homem, em tudo o que ama, não pode amar senão a si mesmo ou a Deus. Não há senão dois amores.

(Maxence van der Meersch)

LADRÃO DE BONS SENTIMENTOS

Um comerciante dinamarquês, que já havia sido roubado seis vezes em quatro anos, foi roubado pela sétima vez, mas desta encontrou no prato da balança uma carta em que o ladrão lhe dizia: «Querido Sr. Jacobsen. Saiba que fui eu quem o roubou nas seis vezes anteriores (e também nesta), mas esteja certo de que foi roubado pela última vez. Começo já a sentir-me velho. Vivo numa povoação longe daqui e já me custa fazer o percurso de bicicleta. Digo-lhe, portanto, adeus e asseguro-lhe que, no que me diz respeito, o deixarei em paz. Confesso que me custa muito

porque me habituei ao seu estabelecimento como se fosse a minha casa. Adeus, querido Sr. Jacobsen».

OUTRO NERO

Um jovem americano, convencido de que a música de Beethoven só poderia ser bem apreciada no meio das chamas, por três vezes deitou fogo à sua residência, ficando sentado sobre as labaredas a ouvir discos com música do genial compositor. O novo Nero foi conduzido ao manicomio pela polícia.

VERDADE JORNALÍSTICA

«Me melem se eu me entendo com estes jornais; leio-os todos e fico sempre a nadar sem saber qual fala verdade».

«Pois meu amigo, faça como eu; é não ler senão um, e acreditar sempre o contrário do que ele diz».

DESCULPA OPORTUNA

Um escritor inglês teve um dia de desagradável surpresa de ler o anúncio da sua morte no jornal que assinava. Sem ligar grande importância ao caso, limitou-se a escrever ao director do jornal:

«Acabo de ler no jornal, que superiormente dirige, a notícia da minha morte. Como geralmente o vosso jornal é órgão bem informado, esta notícia deve ser verdadeira. Eis porque vos peço que anuleis a minha assinatura que, neste caso, deixa de ter utilidade».

— Entrando Napoleão, vitorioso, numa cidade de Itália, apresentou-se-lhe a Irmandade de certa freguesia, pedindo-lhe com o maior empenho que tomasse os seus 12 Apóstolos debaixo da protecção Imperial.

— De que são os Apóstolos? — perguntou-lhe Napoleão.

— São de prata maciça, Senhor.

— São de prata maciça! Pois não só os tomo debaixo da minha protecção, mas até quero ajudá-los a cumprir a sua missão, que é correr por esse mundo de Cristo; eu os farei correr.

Daí a poucos minutos punham-se os 12 Apóstolos a caminho da casa da moeda de Paris...

*

Num naufrágio, o comandante do navio anima os passageiros:

— Quem souber nadar, encontra terra à distância de 50 metros.

— E quem não souber? — pergunta um aflito.

— Quem não souber, encontrará terra já à profundidade de 15 metros.

*

— Quanto custa um bilhete para o cinema?

— Quarenta escudos.

— Então tome lá vinte, porque do olho esquerdo não vejo mesmo nada!



As Escolas em notícia

27 alunos na telescola, 2 no Colégio do Minho-Viana, e apenas uma que não está a cumprir.

Até que ponto a escola interfere na família e (vice-versa)?

É de facto lamentável a não comparação dos encarregados de educação à escola a fim de obter qualquer informação sobre os seus educandos.

Compare-se a escola em geral) a uma quinta em que os Proprietários levam lá o Rebanho que vai ser observado e orientado pelos Pastores. Esta simples comparação significa que só se lembram dos filhos e professores no início e final do ano lectivo. No decorrer do mesmo, nada.

Mais lamentável é ainda a crítica feita pelos que não vão àqueles que se interessam, apelidados geralmente por «engraxa botas» ou os que não têm que fazer.

Outros porém (mais complexados?), para trocar impressões com o professor dizem necessitar mudança de roupa, etc. Pergunta-se: fala-se com a roupa ou com a boca?

A contrastar com a colaboração dos pais verifica-se boa assiduidade por parte dos alunos, o que é já bastante positivo.

Sobre este assunto que pode não passar de um «paleio» limitamo-nos ao que dissemos e o resto deixe-se ao critério de cada um.

As carências desta escola

Alertaram-se as autarquias locais para o facto de ainda não terem correspondido a um pedido que lhes fizeram a fim de que fossem colocados sinais de código próximo da saída do caminho de acesso à

telescola para a estrada municipal Antas-Forjães.

O apelo foi feito antes e depois de ter sido atropelada mortalmente uma criança do ensino primário.

O espaço físico que lhes é concedido para as brincadeiras é limitado e de inverno principalmente devido a pequenos poços de água estagnada não o podem frequentar. Para se refugiarem da chuva tentam abrigo debaixo do alpendre que se encontra suspenso por um tronco de madeira. Vai arranjar-se depois que as Intempéries causem qualquer dano?

Uma das disciplinas extremamente importante é a de Educação Física, não só pelo facto de diversão, como também para um bom desenvolvimento intelectual e físico. Dada a inexistência de balneários, o indispensável para o efeito e espaço, não há hipótese para tal se processar.

Como reagir perante estas situações.

Extinção da Telescola

Que pensa a população de S. Paio no que respeita à extinção da telescola, visto o posto de Forjães ser um facto?

Trará vantagens ou inconvenientes? Se os traz, lute-se para a resolução dos mesmos.

II — ESCOLA PRIMARIA

Também algumas informações sobre o funcionamento global da escola primária, expressando a opinião comum às professoras.

Frequentam esta escola um total de 133 alunos que são confiados a:

Maria José da Silva Gonçalves Cepa Carneiro, actual directora da escola; Maria do Sameiro Oliveira Pinheiro; Maria Arminda Coelho de Almeida Gomes; Maria Amélia Barros de Faria; Maria Manuela Artelro Matos, substituída neste momento pela nossa «conterrânea» Maria Lourenço de Afonso, em virtude daquela se encontrar com licença de parto.

É bastante aborrecido estar a bater na mesma tecla no dizer que a participação familiar é nula, mas é um facto importantíssimo.

Se as crianças partem de casa sem um mínimo de assistência afectuosa e estimulante a nível de estudo, imagine-se o comportamento e aproveitamento das mesmas. Devem os pais partir dum princípio que é conceder-lhes o tempo necessário para a preparação dos seus deveres.

Muito importante para um estudante (principalmente criança) a alimentação adequada e as horas de repouso (sono), não esquecendo a higiene corporal e do vestuário.

Não se compreende que haja crianças que não levam o seu lanche e no entanto aparecem «cheios de dinheiro» para goluselas: chiclets, rebuçados, etc., coisas prejudiciais à saúde. Será que os pais não estão a ser enganados?

Adquiriu-se o hábito de dizer que a professora(s) está na escola para, além de ensinar, também educar. Nesse aspecto deve haver precisão.

A educação deve ser dada pelos pais, visto ser com quem as crianças lidam a maior parte do tempo. A professora tem sim que dar uma continuidade a essa educação.

Um dos métodos que por hipótese se sugeriu, para que o melo ligasse com a escola, seria por exemplo a colaboração da juventude, em especial, para juntamente com elas elaborar trabalhos a vários campos.

Haja iniciativas!

Primavera

Canteiros desabrochados
De jardins floridos
Campos matizados
D'arbustos enverdecidos
Cristalinos trinados
De rouxinóis coloridos
Cantos despertados
Nos píncaros adormecidos
Montes enfeitados
De verdes rejuvenescidos
Sonhos despertados
P'los sóis já nascidos
Poemas declamados
E cravos enobrecidos
Gritos proclamados
Por homens destemidos
Hinos porfiados
E amores enfurecidos...
Mas inda não chegou a Primavera
Ao peito dos odiados
Ao peito dos oprimidos
Aos homens discriminados
Aos homens desprovidos
À dor dos algemados
Ao mundo dos seus gemidos
Ao deserto dos abandonados
Ao deserto dos esquecidos
À aridez dos esfomeados
Aos que vivem de pedidos
Aos que são assassinados
Aos que não são atendidos
Aos marginalizados
Aos que passam despercebidos
À vida dos desprezados
À vida dos incompreendidos
Aos que vivem exilados
Aos que vivem entristecidos...
Inda não chegou a Primavera
Porque os homens não estão irmanados
Porque os homens não estão unidos!
Vamos levar liberdade
A quem nas celas desesperal
Vamos levar igualdade
A quem faminto nos esperal
Vamos levar a verdade
E despertar uma nova era!
Vamos fazer realidade e
A tão saudosa quimera:
Vamos gritar fraternidade
E será a PRIMAVERA!

SANTOS DA CUNHA

Ecoss da Argentina

Buenos Aires, 4-3-81

Estimado Sr. Reitor:

É com muito prazer que estas duas letras o vão encontrar de óptima saúde, que nós ao partir desta ficamos bem, graças a Deus Nosso Senhor.

Sr. Reitor, estou um pouco admirado por não ter notícias de Sua Reverência; não sei se é carta perdida ou o quê, pois desde que foi o Artur que não tenho notícias do Sr. Reitor. Será que eu não me comportei bem com o Sr. Reitor? Se foi isso desde já lhe peço desculpa e perdão, se alguma coisa não está bem peço-lhe que me chame a atenção. Como lhe digo eu não sou estudado para saber escrever bem uma carta. O melhor é, sempre que encontrar palavras que não estão bem para o Sr. Reitor, corrigir-me que lhe não levo a mal. Sr. Reitor, tenho a dizer-lhe que o Manuel cá fez a colecta para a Voz de Antas, sempre por aqueles que vê que têm boa vontade. Assim, como cá da família também mandamos uma pequenina ajudita para essa terra que o Sr. Reitor quer comprar (sei que é pouco mas para a outra vez será mais), vou escrever ao meu sogro para ele o ir buscar ao Castelo e lho entregar depois.

Cá temos o nascimento da menina da Salete. Eu estava sempre à espera de carta sua para lhe mandar dizer e só agora lhe digo o nascimento de Ricardo da Cruz Laranjeira, filho de Albino da Cruz Laranjeira e de Salete da Costa Rolo, em Isidro Casanova; não foi ainda baptizado mas, logo que o seja, mando-lhe dizer quem são os padrinhos que, por agora, ainda se não sabe.

Sr. Reitor, com isto termino, não o quero maçar mais, enviando saudades de toda esta malta portuguesa. Saludos de toda a nossa família. Estamos sempre a ver quando V. Excelência aparece cá de surpresa! Destes seus amigos receba muitos saludos e muitas saudades, que de ver-

dade não esquecemos esses bocadinhos que passamos juntos: tudo são alegrias que jamais vão esquecer.

Adeus até à sua resposta.

Maria e Manuel



Quaresma: tempo de penitência e oração



Folclore Português. Neste festival internacional em Chalette participado por 30 nacionalidades, integraram-se três meninas e um músico de S. Paio d'Antas, três de S. Romão e três de Santa Marinha. Foto gentilmente cedida por Domingos Silva.

Bombeiros Voluntários de Esposende

Porque, a respeito dos funerais em que os Bombeiros Voluntários de Esposende, tomam parte, se têm levantado muitas dúvidas e incompreensões, a Direcção e Comando, esclarecem:

- 1—Para cada funeral será destacado um piquete de 4 homens e um motorista;
- 2—Os sócios em pleno uso dos seus direitos terão o funeral gratuito;
- 2-1—O funeral dos não sócios custará 5 000\$00, depositando

50% desta importância no acto da requisição;

- 3—Os familiares dos sócios que com este vivam no regime de comunhão de mesa e habitação gozarão de um desconto de 50% sobre aquela quantia, ou seja, pagarão 2 500\$00;
- 4—As requisições aos bombeiros para os funerais deverão ser feitas com a máxima antecedência de tempo, para evitar dificuldades na escala daqueles bombeiros.

Mensagem de agradecimento

Caro Amigo:

Não queria partir sem exprimir todo o meu reconhecimento pela celebração das minhas Bodas de Prata. Sensibilizou-me realmente o gesto e a generosidade e não esquecerei a delicadeza.

Os meus irmãos preferiam a coisa de outra maneira (uma festa organizada pela família), mas colhidos pela surpresa, não puderam prever.

Passé uma tarde no Arquivo de Braga e outra aqui na Torre do Tombo e arranjei material para mais dois ou três artigos que mandarei de Roma.

Mais uma vez, muito obrigado e «Bonne chance».

Um abraço

ADÉLIO TORRES NEIVA

Direcção-Geral de Educação de Adultos

Pelas 10 horas do passado dia 21 de Fevereiro de 1981 teve lugar em Braga um encontro entre associações distritais contempladas com subsídios da D.G.E.A. e uma delegação desta última entidade, a fim de serem tratados alguns assuntos de interesse mútuo.

Como associação subsidiada a JAEOCA fez-se representar por 2 elementos da sua direcção.

A agenda incluiu dois pontos fundamentais: informação e análise dos programas de actividade para o ano corrente.

Numa 1.ª parte, sobre subsídios, a Direcção-Geral tomou a palavra para informar os presentes de assuntos directamente

relacionados com a sua tributação (e repara-se que fomos contemplados com 85 mil escudos) abordando depois as questões de apoios aos organismos que se entreguem total ou parcialmente à educação de adultos, tais como o órgão «Viva Voz», meios audiovisuais, bibliotecas populares e intercâmbio entre associações afins de âmbito regional, nacional e internacional (França, nomeadamente).

O 2.º ponto da ordem de trabalhos era o relato das experiências de cada grupo no campo em questão, seguido de troca de impressões. Foi interessante apreciar a variedade de assuntos e métodos de trabalho, convergindo para um objectivo lou-

Zita Miranda

Porque medida se poderá enfrentar o mar?

A pesca é uma actividade muito desenvolvida em Castelo do Neiva e conta com bastantes adeptos.

Sem Porto de mar nem cais de amparo, os pescadores no seu dia-a-dia deparam com inúmeras dificuldades e obstáculos, devido às infra-estruturas de apoios técnicos que raramente. Por isso o Pescador tem que se fazer um aventureiro. Com barcos de fraca potência, e sem estruturas de apoio, o homem do mar, sente-se impotente perante as intempéries, vicissitudes e «traições do mar».

Passou-se no dia 13 de Fevereiro o pescador José Martins Pires Neto apelidado por Zé do Agostinho, parte normalmente para a pesca do camarão.

O tempo apresentava-se chuvoso e as ondas encapelavam-se.

Mesmo assim o Sr. José partiu para a pesca. Aventurou-se.

Tentou lutar contra o mar.

E conseguiu-o durante algum tempo. Tempo que se arrastou por mais ou menos 1 hora.

Mas a aventura logo se desmoronou. De repente uma onda circunda-lhe o barco, o impacto foi de tal ordem que dois bancos da embarcação partiram, onde estavam presos dois bidões de combustível vazios. O Barco, motor assim como todo o trabalho do dia desapareceram.

Agarrado aos bidões enfrenta o mar, com uma certa audácia. É fortemente sacudido pela força das ondas, mas mesmo assim conseguiu salvar-se.

Nadou cerca de 1 hora até atingir a Praia de Antas, ao sul da Foz do Neiva.

Dura luta teve que travar, mas conseguiu sair vitorioso.

Por que medida se poderá enfrentar o mar?

... E porquê as obras na Igreja

Não é difícil indicar, sumariamente, os objectivos que presidiram à restauração que se está a executar na Igreja Paroquial de Castelo do Neiva.

Por isso convém recordar o estado quasi degradante em que ela se encontrava como por exemplo, a chuva a cair no seu

interior incomodando as pessoas que estavam a participar nos actos religiosos, e por outro lado, as adaptações exigidas pela Pastoral Litúrgica, após o Concílio Vaticano II. É certo que algumas adaptações provisórias já tinham sido feitas, mas era imperioso que outras adaptações se fizessem para que o povo de Deus, quando quer orar, o possa fazer com um mínimo de comodidade e bem-estar.

É certo que a comissão que lançou mãos a esta obra não irá fazer todas aquelas adaptações que uma actual pastoral litúrgica exigiria devido a vultosas despesas que isso implicaria, por um lado, e por outro, devido a exigências de conservar a estrutura que a nossa Igreja tem de mais valioso. No entanto espera-se, que depois de concluídas as adaptações que se pretendem realisar, a nossa «Casa de Deus» seja verdadeiramente, um lugar, com certa comodidade e onde se possa facilmente louvar o nosso Deus.

Dia do Pensamento

22 de Fevereiro.

Mais um ano se passou, mais uma festa se realizou, mais um convívio surgiu.

Neste dia recordamos o nascimento de Baden Powel e sua mulher fundadores do Escutismo e Guidismo.

Todas as Guias neste dia fazem o seu balanço e recordam todas as Guias do mundo.

Foi no dia 22 de Fevereiro que todos os elementos da A. G. P., da região de Viana se reuniram.

Tiveram uma celebração eucarística presidida pelo Arcebispo-bispo de Viana, D. Júlio Tavares Rebimbas.

Em seguida houve almoço de confraternização.

Pelas 14 horas, houve um pequeno convívio a nível teatral, em que cada agrupamento expunha os seus melhores reportórios quer teatrais quer «cançonetistas», tendo sido reservado para o final a classificação dos desenhos sobre o cinquentenário do Guidismo. Há a salientar que o bando das Avezinhas de C. do Neiva obteve a melhor classificação.

Foram também distribuídas taças às felizardas. Pelo final da tarde os agrupamentos começaram a dispersar-se e assim deram por terminado o dia do Pensamento.

Redacção colectiva da Turma A do 1.º Ano da Telescola de Antas

A poluição

Nós moramos em Antas, aldeia típica do Minho, pertencente ao concelho de Esposende e situada na parte Norte, na margem esquerda do Rio Neiva.

Nós gostamos muito da nossa terra mas há factos que nos desgostam e todos nós deveríamos fazer alguma coisa para evitá-los.

Um deles é sentir quase permanentemente o ar poluído. Esta poluição é proveniente das fábricas, ou melhor, dos seus gases tóxicos, expelidos pelas chaminés sob a forma de fumo. São os fumos que, uma vez lançados no ar, poluem este. Ora, como nós para vivermos precisamos de respirar, ao fazê-lo estamos a inspirar ar que pode causar-nos graves doenças.

Embora as fábricas sejam necessárias e úteis porque empregam muita gente e transformam muitos produtos que o homem utiliza, por outro lado têm aspectos altamente negativos como é, por exemplo, este da poluição atmosférica, que nos afecta directamente.

Assim, achamos que nós (e todos nós desta freguesia) devíamos procurar fazer alguma coisa para evitar a poluição do ar.

Para isso deveríamos escrever aos gerentes das fábricas ou até mesmo falar com eles pessoalmente para que, pela técnica, possam ser colocados filtros nas chaminés e, dentro das unidades fabris a fim de que nós possamos respirar um ar mais puro e também para que a própria natureza não seja destruída.

¹ Manuel Mariano—in «Intervenção», n.º 16, pág. 53.